



AUSTRIA — TRIESTE.

TRIESTE. capital do governo do mesmo nome, no imperio de Austria, é uma das recentes metropoles commerciaes da Europa, e uma das mais antigas cidades do Adriatico, por quanto a sua fundação attribue-se a uma tribu de thracios, que fugindo a um inimigo poderoso, ou obedecendo ao desejo de migração, subira o Danubio 600 annos antes de Christo, estabelecêra-se no Ister, e ali edificára varias povoações, entre as quaes se conta aquella a que nos referimos.

A cidade de Trieste divide-se em quatro partes: a cidade velha, a nova, a cidade *José*, e o arrabalde *Francisco*. A nova está edificada sobre a falda da montanha que a cidadella corôa. A' excepção da igreja dos jesuitas, do palacio da municipalidade, do da bolsa, primor d'architectura, a maior parte das suas construcções pouco tem de notavel.

Na cidade nova as casas porém são espaçosas, e as ruas largas e limpas, o que não acontece na cidade velha, onde os edificios são irregulares, as ruas imundas e infectas, na maior parte.

Trieste continha, em 1832, 182 ruas, 31 praças, um museu, uma bibliotheca publica, e uma escola real de navegação.

É séde de dous bispados, um catholico e outro grego.

Entre os monumentos antigos merece mencionar-se um arco de triumpho erigido a Carlos Magno, os restos de um amphitheatro romano, e um aqueducto

subterraneo, que ainda hoje serve a conduzir agua para a cidade.

Os trabalhos modernamente executados no porto de Trieste tornam o seu accesso facil aos navios do mais alto bordo: goza do privilegio de completa franquia, o qual garante por tal modo a prosperidade do seu commercio, que a torna uma rival cada vez mais perigosa para Veneza. A'quella vantagem se deve tambem o incremento rapido da sua população. No reinado de Maria Thereza, Trieste contava apenas 6:000 habitantes; em 1822 tinha mais de 27:000; em 1808, 33:000; em 1817, 42:000; em 1821, 45:000; em 1829, 47:000; em 1832, 50:000; e actualmente calcula-se-lhe uma população não inferior a 80:000 almas!

Releva porém confessar que a sua immensa importancia deve-a em grande parte a respeitavel sociedade que se intitula o *Loyd*.

Esta associação, formada na primitiva de varias companhias de seguros, possui hoje 50 barcos a vapor, que percorrem regularmente o Adriatico e o Mediterraneo. As suas linhas estendem-se desde o Danubio até o mar Negro, desde o Pó e o Adige até ás praias do Nilo.

Como o governo de um estado, divide-se o *Loyd* em varios departamentos. O primeiro tem a seu cargo os seguros; o segundo é encarregado do serviço dos barcos a vapor. O terceiro representa o ministério

rio da instrução publica e o dos negocios estrangeiros. Tem em diferentes pontos agentes que lhe transmitem noticias politicas, commerciaes, industriaes, que podem de um modo ou de outro influir na bolsa; estas noticias manda-as o *Loyd* affixar todos os dias em um vasto salão de leitura. Estabeleceu uma typographia e uma officina de gravura, e publica dous grandes jornaes quotidianos, uma folha semanal, e duas publicações mensaes illustradas no genero do Panorama. O *Loyd* possui igualmente vastos arsenaes, officinas de construção de machinas a vapor, e tem a seu soldo um bello corpo de officiaes nauticos e de marinheiros. Tal é a influencia do principio de associação intelligentemente encaminhado! Oxalá que nós nos desenganemos tambem d'esta verdade, e o futuro nos sorrirá auspicioso, reconquistada, para a nossa querida patria, a antiga importancia pelo emprego simultaneo dos capitaes e do trabalho.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

XII.

Desordens interiores; guerra com a Allemanha, Polonia, Veneza e Russia; mau successo das armas ottomanas: diligencias frustradas para a paz: administração energica do terceiro Kupruli: batalha de Salankemen e morte de Kupruli: desastres na guerra e anarchia no interior do paiz.

O IMPERIO ottomano viu-se desde logo accommettido por todos os lados de inimigos, que se apressaram a aproveitar-se do enfraquecimento moral e physico em que o deixou aquelle grande desastre. Ao mesmo tempo que os exercitos do imperador Leopoldo e de Sobieski continuavam activamente a guerra, atacando em diferentes pontos as fronteiras da Turquia, os venezianos, ajudados de tropas pontificias, florentinas e maltezas, rompendo de novo hostilidades, apossavam-se de Navarino, de Corintho, de Athenas e outras cidades da Grecia.

Tão successivos infortunios causaram no paiz geral irritação. Cara Mustaphá pagou com a vida a sua presumptuosa inhabilidade; mas não bastou esta victima para apaziguar as iras populares. Os janisarios e o povo, lançando sobre Mahomet IV a responsabilidade de todas estas desgraças, depozeram-o e arremegaram-o para o fundo de um carcere (8 de novembro de 1687), onde morreu cinco annos depois.

Este longo periodo de quarenta annos, que tanto durou o reinado de Mahomet IV, forneceu aos annos da Turquia algumas das suas mais gloriosas paginas. A par da gloria militar floresceu o imperio em artes e letras; cresceu em territorio e augmentou em industria. O regimen severo e justiceiro dos dous Kuprulis restabeleceu com a ordem a moralidade publica.

Mas quando assim pareciam voltar para a Turquia os bellos dias da sua passada grandeza, veiu a administração inhabil e corrupta de Cara Mustaphá impellir outra vez o paiz para o caminho da decadencia, d'onde momentaneamente saíra a tanto custo. No seu ministerio tornaram a apparecer e a fazer-se sentir em grande força todos os elementos desorganizadores, que já por vezes haviam ameaçado acabar com o imperio. A arbitrariedade na administração da justiça, o desprezo das leis, a venalidade dos empregos publicos, a relaxação da disciplina militar, extorções e vinganças de todo o genero, ausencia de todo o conselho nas relações ex-

ternas, precipitação no começar de emprezas arriscadas, falta absoluta de energia para as levar por diante, todos estes crimes, erros e faltas, ainda que commettidas em pequeno espaço de tempo, inutilisaram todo o esforço dos dous eminentes estadistas que precederam Cara Mustaphá.

Solimão II, filho de Ibrahim I, foi chamado a occupar o throno vago pela deposição de Mahomet IV, e em prejuizo de dous filhos que este ultimo soberano deixou (1687).

A aclamação do novo sultão não foi bastante para desarmar a revolta. A insurreição, progredindo de exigencia em exigencia, e sacrificando ás paixões populares culpados e innocentes, estendeu-se por todo o imperio, e poz o paiz em completa anarchia.

Em quanto o coração da Turquia assim era dilacerado pela guerra civil, as fronteiras, desguarnecidas de tropa, eram entradas e devastadas ao mesmo tempo pelos exercitos da Allemanha, da Polonia e de Veneza.

Os perigos da situação eram aggravados pela extrema penuria em que se achava o thesouro publico. Todavia ainda era mais para sentir a falta de um ministro capaz de vencer tantas difficuldades e perigos. A inexperiencia de Solimão II, que vivêra quarenta e seis annos encerrado no harem, entregue unicamente aos exercicios de devoção, e a incapacidade de seus ministros, foram causa de se lançar mão de medidas imprudentes, de que resultaram consequencias desastrosas. Com a nomeação de alguns chefes de revolta para governadores de provincia, em vez de restabelecerem a ordem, deram incentivo a novas ambições e rivalidades, que bem depressa vieram lutar em campo aberto. Creando uma nova moeda de cobre, sem attenção ao valor do metal, excitaram muitos conflictos e descontentamento. E finalmente com a venda de mais de trinta mil empregos publicos, que trouxeram ao thesouro um recurso momentaneo, entregaram logares importantes a mãos inhabeis, e abriram larga estrada á corrupção dos servidores do estado.

Foi sob tão tristes auspicios que saíu de Constantinopla um exercito para embargar o passo aos invasores (26 de junho de 1688). Falto porém de um general habil e da indispensavel força moral, apenas serviu de tornar mais brilhantes os triumphos das potencias christãs. A tomada de Belgrado e de outras praças, os continuados revezes das armas ottomanas, e os progressos, que diariamente faziam as tropas allemãs na Bosnia e as venezianas na Dalmacia e na Grecia obrigaram o sultão a impor ao paiz novos sacrificios para defensa commum. D'esta vez, depois de esgotados todos os meios da receita ordinaria, e todos os recursos provenientes de pezadas contribuições de guerra, foram obrigados os habitantes da capital a fardar e armar dous soldados de cavallaria por cada familia.

Todavia apesar d'este esforço os negocios da guerra não melhoraram de aspecto, e a Sublime Porta viu-se forçada a mandar a Vienna um embaixador com propostas de paz; mas para encobrir a sua fraqueza e fazer menos onerosas as condições do tratado, deu a esta missão um character mui diverso do fim verdadeiro a que se dirigia. Similhante tentativa foi mal succedida. Leopoldo I recusou-se a tratar sem audiencia dos outros alliados e depois de chegarem os representantes da Polonia e de Veneza, entreteve com taes delongas o enviado musulmano, e exigiu d'elle tantas humilhações, que o sultão mandou retirar o seu embaixador, e preparou-se novamente para a guerra.

Em quanto as hostilidades recommçavam com gran-

de força em toda a extensa fronteira da Turquia europeia, vindo a Rússia engrossar as fileiras dos aliados, rebellava-se a Servia, proclamando a sua independência, e rebentavam alborotos nas provincias asiaticas do imperio. A Turquia viu-se então na situação mais critica possível. Os perigos que a ameaçavam engrandeciam-se de dia para dia, ao mesmo tempo que os seus recursos diminuiam e as suas forças se definhavam. Os ministros e os generaes succediam-se com rapidez uns aos outros, sem ao menos alcançarem travar da roda aos males publicos.

Em tão afflictivas circumstancias reuniu-se um divan extraordinario para nomear um grão-vizir capaz de salvar o paiz da crize terrivel em que se achava. Os grandes dignatarios do imperio recorreram ainda á mesma familia, que havia dado recentemente á sua patria dous regeneradores. Kupruli Zadé Mustaphá, irmão do conquistador de Candia, foi o escolhido para o desempenho de tão ardua missão. Os talentos e energia d'este homem, ajudados do immenso prestigio, que o nome de Kupruli exercia em todos os musulmanos, operaram nos negocios publicos uma methamorphose igual áquella que seu pae e irmão haviam operado em circumstancias muito analogas.

Dotado das mesmas eminentes qualidades que distinguiram os seus dous illustres predecesores, e seguindo exactamente a mesma politica, o novo grão-vizir creou recursos pecuniarios sem exercer vexações, antes abolindo alguns tributos odiosos; deu nova organização ao exercito, augmentando-o consideravelmente; debellou a revolta, e assim fortalecido fez rosto ao inimigo. Este importantissimo resultado obteve-o em pouco tempo, e conseguiu-o por meio de uma escrupulosa escolha de homens probos e intelligentes para os cargos importantes; por meio de uma minuciosa fiscalisação na cobrança e distribuição dos rendimentos do estado, e da mais severa economia em todos os ramos do serviço publico; e finalmente por meio de uma politica de tolerancia e de justiça imparcial com que attrahiu aos interesses da Porta a povoação christã sujeita ao dominio ottomano, instrumento até ali das intrigas estrangeiras, e foco de perennes desordens. Enviando para a casa da moeda toda a sua baixella de prata, e alcançando do sultão igual sacrificio, conseguiu com tão patriótico exemplo excitar o entusiasmo popular, de que resultou affluirem instantaneamente de todos os angulos do imperio valiosos donativos para as urgencias do estado.

Kupruli Zadé Mustaphá poz-se á frente do exercito e abriu a campanha em agosto de 1690. As circumstancias tinham mudado inteiramente. Os invasores já não encontravam especie alguma de auxilio nas provincias christãs da Turquia. Em vez das sympathias com que pouco antes eram recebidos achavam agora toda a casta de resistencia, que um povo costuma fazer quando trata de defender a sua propriedade e independencia (1). Além d'isto as tropas turcas, bem pagas e disciplinadas, achavam-se animadas do melhor espirito, e cheias de confiança no seu general.

Os exercitos de Leopoldo I, destroçados em todos os recontros, perderam em breve tempo as vantagens que tinham adquirido na campanha anterior. Belgrado foi tomada de assalto ao decimo segundo dia d'assedio. Nissa, Semendria e outras praças fortes voltaram ao poder dos turcos.

Onde faltava porém a presença de Kupruli a fortuna desamparava o estandarte do propheta. Na Dalmacia e na Moréa continuava a victoria a declarar-se pelos venezianos. Tendo pois o grão-vizir regressado a Constantinopla, onde recebeu do soberano e do povo singulares honras e obsequios, dispunha-se para partir para aquellas provincias, quando uma doença do sultão, seguida pouco depois da sua morte, o reteve na capital (23 de junho de 1691).

Solimão II não chegou a completar quatro annos de reinado. Passava de quarenta e seis annos de idade quando subiu ao throno. Sem o auxilio de Kupruli o seu curto reinado seria obscuro e semeado de infortunios. Entretanto possuiu algumas qualidades, que influiram beneficentemente na regeneração moral do paiz, e que fizeram respeitada a sua memoria. A sua boa indole, e seu animo justiceiro, o espirito religioso, sobriedade e continencia de que dava continuos exemplos, alcançaram-lhe o titulo de santo, com que o distinguiram os historiadores musulmanos.

Achmet II, succedendo a seu irmão Solimão II, manteve a Kupruli no grão-vizirato. Honrado pois com a inteira confiança do novo soberano proseguiu o grão-vizir nos seus preparativos bellicosos. A marcha porém dos acontecimentos obrigou-o a mudar o plano de campanha, que concebêra e já pôr em execução, quando teve logar a morte de Solimão II. Os allemães, tendo cobrado animo durante a forçada inacção de Kupruli, vieram novamente accommetter as fronteiras do imperio. Assim foi mister deixar a Dalmacia e a Moréa a bracos com os venezianos para correr já a embargar o passo a um invasor, que dava mais serios cuidados.

Partiu o grão-vizir para Belgrado nos fins de julho de 1691, e a 19 d'agosto estava empenhada uma acção geral entre os dous exercitos. Ao principio toda a vantagem esteve pelo lado dos turcos; mas logo depois repellidos vigorosamente pelo inimigo perderam terreno em todas as direcções. Então Kupruli, que via a importancia d'esta batalha, pôe-se á frente de um regimento de cavallaria e arremeça-se ao centro das fileiras inimigas. No mesmo instante vem uma bala despedaçar-lhe a cabeça. A sua morte decidiu immediatamente da victoria em favor dos allemães, que se apoderaram de todo o acampamento ottomano, e de cento e cincoenta peças d'artilharia. Mais de vinte e oito mil turcos ficaram mortos no campo ou prisioneiros n'esta memoravel acção pelejada junto a Salankemen.

Entretanto todos estes prejuizos foram de pouco vulto comparados com a perda de Kupruli, a quem os ottomanos deram o epitheto de Fazyl (o virtuoso). Achmet II não poudo achar quem dignamente o substituisse. D'ahi em diante os grãos-vizires apenas se demoravam alguns poucos mezes no poder. Renasceram por toda a parte as intrigas, a desconfiança e as desordens. Os negocios publicos peioravam de dia para dia. Na Dalmacia e na Moréa continuavam as armas ottomanas a recuar diante do leão de Veneza. A uma victoria ganha pela esquadra turca responderam os venezianos com a tomada da ilha de Chio. Os exercitos da Porta não eram mais bem succedidos na Bosnia e na Hungria; e se esta guerra não tomou então um character mais grave para a Turquia foi isso devido por um lado á Hollanda e Inglaterra, que não pouparam diligencias para trazer a um acôrdo pacifico ambas as partes belligerantes; com o fim de collocarem a Allemanha em melhor pé para fazer frente á França; que tambem as hostilizava, protegendo abertamente a expulsa dynastia dos Stuarts; e por outro lado aos triumphos de Luiz XIV na mesma Allemanha, que attrahiam a principal at-

(1) Por esta occasião exclamou aquelle illustrado ministro: «Vejam os effeitos da tolerancia! Por meio d'ella tenho augmentado o poder do sultão, conseguindo que abençoem o seu governo povoações que o odiavam!»

tensão de Leopoldo I para as fronteiras occidentaes do seu imperio.

Tal era o estado da Turquia quando falleceu Achmet II de um ataque de hydropesia, molestia de que haviam tambem morrido seus irmãos Mahomet IV e Solimão II (6 de fevereiro de 1695). Reinou como este ultimo tres annos e oito mezes.

Achmet II possuiu como particular muitas virtudes, que o fizeram bemquisto; mas como soberano teve alguns defeitos, que concorreram bastante para as desgraças que affligiram o paiz depois da morte de Kupruli Zadé Mustaphá. A notavel fraqueza do seu caracter fazia com que se deixasse facilmente dominar pelos grão-vizires, e uma indolencia absoluta afastava-o a tal ponto dos negocios publicos, que só na ultima extremidade se prestava a tomar d'elles conhecimento. Em quanto aquelle illustre estadista dirigiu o governo do paiz, estes defeitos do soberano, que já o eram tambem do seu antecessor, não prejudicaram a nação. Achmet podia descansar afoutamente na intelligencia, no zélo e probidade do seu ministro. Depois d'elle todos os grão-vizires abusaram em tudo da confiança do sultão. Em taes circumstancias é que aquelles defeitos deram origem a mil intrigas, e excitaram poderosas rivalidades, que produziram na administração do estado a maior confusão e desleixo, e no paiz uma guerra civil encarnigada, que durou por todo o reinado de Achmet II.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.



HABITANTES DE BILBAU.

UMA das povoações mais notaveis de toda a Hespanha é sem duvida a cidade de Bilbao, não só pela

sua importancia politica e gloriosas tradições, como pela actividade, caracter sisudo e probo, extraordinario valor e inabalavel patriotismo dos seus habitantes.

Da cidade demos larga noticia no 9.º volume d'este semanario, e agora só accrescentaremos algumas poucas palavras sobre a indole dos bilbainos.

O forasteiro encontra ali o maior agasalho, porque os moradores de Bilbao, sobre os excellentes dotes que apontamos, têm o de serem francos, hospitaleiros, affaveis e urbanos.

As mulheres distinguem-se pelo seu estremado aceio, e methodo no arranjo de suas casas e familias; tem muita capacidade para os labores proprios do seu sexo, e até para as transacções mercantís desenvolvem algumas vezes singular aptidão.

Assim os homens como as mulheres são sinceramente religiosos; e distinguem-se pela sua compos-tura de costumes.

Pelo que respeita ao physico, os homens são robustos e bem parecidos; as mulheres formosas, e a todos os respeitos interessantes.

A nossa gravura representa algumas vendedoras do mercado publico de Bilbao.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

XXIX.

EM Buenos-ayres desembarca-se de carroagem!... Não me consta que haja outro lugar no globo aonde tal succeda. Como ha pouco fundo até longe da praia, entenderam que o melhor era transportar os homens e as mercadorias na *carretilla*. O sitio aonde tomamos terra é o principal passeio da cidade, *l'alameda*, que se prolonga até longe pela margem do rio.

Ditava então a lei á confederação argentina o celebre e mysterioso *Rosas*, que hoje vive retirado em Southampton; e sua filha, a encantadora *Manuelita*, que ora o acompanha no exilio, era em Buenos-ayres o alvo das attenções de todos os estrangeiros, que encontravam na espirituosa senhora um acolhimento o mais amavel e o mais franco.

Buenos-ayres não tem monumentos architectonicos de valor artistico. As suas igrejas, vastas e de mau gosto, estão no caso da *Bourse* de Paris, que segundo a opinião de Victor Hugo, com a qual inteiramente me conformo, podia ter qualquer outro destino, porque a todos se presta pela nullidade do seu plano. O aspecto especialissimo que apresentava esta cidade quando eu a visitei, deve ter-se perdido em grande parte; aquelle rancor entre *federales* e *unitarios*, se não se pode considerar extinto, tem pelo menos diminuido muito de intensidade. Era altamente caricato, n'aquelle tempo, observar as argentinas em *deshabillé* matutino já com a divisa federal no cabello; ver os proprios mendigos com o laço vermelho da confederação; e até no theatro os actores representando de personagens, não só anteriores á inauguração das republicas do Prata, mas ainda á descoberta da America, mostrando a divisa consagrada sobre uma toga romana, um saio de cavalleiro cruzado, ou um habito de templario!

No convento de S. Domingos encontram-se, como na cathedral de Tenerife, bandeiras tomadas aos inglezes; e na sé outros estandartes brazileiros e hespanhoes; são os principaes tropheus da republica. A *pyramide de Maio*, na praça da Victoria, dá uma triste idéa do gosto argentino pelos monumentos de

arte; foi erecta em commemoração do pronunciamento contra os hespanhoes, n'aquelle mez, que os argentinos chrismaram em *mez da America*.

Nas extremidades da cidade ha dous bonitos logares de recreio; a quinta de *Palermo*, que pertencia ao ditador, e as margens do *Riachuelo*, que vem desaguar no Prata. A maior parte dos edificios particulares são vastos, regulares, mas de pouco alegre apparencia; porém lá dentro encontra-se a mais cordeal recepção, uma convivencia agradável, e o trato seductor de mulheres, que só têm rivaes nas montevidéanas.

Apesar da guerra, do bloqueio, dos terrores inherentes a este estado excepcional, como deslisavam suavemente os dias e as noites ao som do canto hespanhol, ao compasso da dança, e entre o tiroteio de ditos espirituosos!... Ao contrario de muita outra gente, eu tenho a felicidade ou a infelicidade de me dar bem em toda a parte, e de sair com saudades de todos os paizes que visito. Escusado é accrescentar que muito me custou a deixar Buenos-ayres.

Mas, emfim, é necessario partir. Passarei em claro as novas excursões que fiz a Montevideu e Rio de Janeiro, e tornando a soltar as velas ao capricho do vento, vamos demandar as ribas da patria, tocando de passagem nas formosas ilhas dos Açores.

XXX.

Abençoada insula de *S. Miguel*, como é fertil o teu solo, como são lindas as tuas paizagens, como são hospitaleiros os teus habitantes! Tu és o mais precioso diamante da corôa dos nossos reis! Quem ao aproximar-se de tuas praias, ao contemplar tuas collinas verdejantes, tua vegetação, ao mesmo tempo tropical e europêa, não terá sonhado o paraizo terreal?... Com mais razão ainda, se se chega, como me succedeu, fatigado de uma longa viagem, de aborrecidas calmas na equinoccial e no mar do Sargaço, com escacez de mantimentos, falta de agua... e de paciencia tambem!

As pranchas a descozerem-se do costado do navio, a bomba a indicar quotidianamente o augmento de agua no porão, o vento contrario a impedir que arribassemos a Cabo Verde, e por cima de tudo isto um céu carregado, ameaçador... até que a vista das campinas de *S. Miguel* nos deu a perdida alegria, e a propria atmospherá tratou de harmonisar com a belleza da terra.

«A terra não é mais do que o espaço (diz Alexandre Dumas) o oceano é a immensidade! O oceano é o que ha mais amplo, mais forte e mais poderoso depois de Deus!... Tenho-o ouvido rugir como um leão irritado... depois, á voz do seu senhor, prostrar-se como um lebreu submisso! Tenho-o visto erguer-se como um gigante rebelde, que tenta escalar o céu... e d'ahi a pouco, sob o açoute da tormenta, gemer como um menino que chora! Vi-o cruzar suas vagas com o relampago, e querer apagar o raio com a sua escuma, mas em seguida alisar-se como um espelho, e reflectir todas as estrellas do céu!...»

É verdadeira a pintura, sublime sem duvida... mas a terra, depois de longos dias de privações passados no mar, é tão doce para o navegante, como deve ser o encontro de um florido oasis para o viajante perdido no deserto, extenuado de fadiga e sede.

O homem que escreve estas singelas linhas, apesar de não se ver ainda coberto de cãs, tem soffrido tanto, incluindo a fome e a sede, e tem igualmente sentido tantas sensações doces, gosado mesmo por tantas vezes momentos de ventura, que se julga ha-

bilitado a poder estabelecer como axioma o seguinte: «Só quem esteve ausente da patria por largo tempo, e voltou um dia inesperado a abraçar a mãe velhinha, a irmã donzella, o amigo querido, o amante fiel... pode comprehender a verdadeira felicidade no mundo, pode saber o que é alegria pura, prazer infinito!»

XXXI.

Os Açores (ilhas) possuem um solo tão bom, que até se não aclimatam ali os bichos venenosos; a propria inconstancia do clima contribue para conservar sempre verdes e floridas aquellas deliciosas planicies, aquellas encantadoras collinas, tão formosas, que difficilmente as encontrareis iguaes em outra parte do mundo.

A cidade de Ponta Delgada é extensa, magestosa e muito rica; porém a ilha de *S. Miguel* tem logar mais seductor para o viajante, as *Furnas*. Não me demorei a fallar d'estas maravilhosas caldeiras, tantas vezes descriptas, mas tambem não perco a occasião de aconselhar a toda a gente de bom gosto que visite esta producção maravilhosa da natureza, principalmente se algum dia se estabelecer uma carreira regular de vapores entre a metropole e os Açores, como tanto é mister. Oh! então não deixeis de visitar tambem o lindo amphitheatro, a que chamam cidade da Horta, e ainda, na mesma ilha do Fayal, o pictoresco sitio dos Flamengos, e a *Caldeira*, voragem portentosa, tão frequentada dos viajantes estrangeiros, e de que ha tambem muitas descripções. Defronte do Fayal tendes o *Pico*, a maior das ilhas dos Açores; podeis subir ao cimo d'essa enorme montanha pyramidal, mas contaes que estaes em terra portugueza, o que equivale a saber que encontrareis pessimos caminhos n'essa escabrosa ascensão. Lá se divisa a *Terceira*, com aspecto mais severo do que suas irmãs, como convem ao baluarte do prior do Crato, e dos emigrados constitucionaes; a *Graciosa*, cujo nome tão bem lhe quadra; *S. Jorge*, esquecida pelo governo, mas cujos habitantes são em extremo laboriosos; *Santa Maria*, pouco conhecida no interior pelos viajantes, mas que tantas vezes lhe serve de balisa, á volta de longas derrotas; *Flores*, quasi em igual abandono, e a pequena ilha do *Corvo*, onde é fama que se encontrára aquelle cavalleiro de pedra apontando para o novo mundo, antes da sua descoberta.

Aproemos a Lisboa, depois d'este giro de alguns milhares de leguas; vamos esquecer as fadigas da viagem no lar domestico, apertando mãos amigas, estreitando ao peito corações que sympathisam com os nossos... em quanto o destino não impelle de novo o triste nauta para mais longiquas peregrinações, até que a paz do sepulchro lhe dê descanso sob uma mortalha de branca escuma, ou debaixo da negra lousa!... A vantagem que levam estes novos judeus errantes ao sapateito de Jerusalem é a certeza, de que mais tarde ou mais cedo hão de deixar de escutar essa voz fatal que lhe brada: *Caminha... caminha!*... E adormecerão n'este valle de lagrimas, para só acordarem em outro mundo melhor.

F. M. BORDALO.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE.

Do LADO opposto a esta rua está a de *Lancastre*. do nome do governador D. Antonio Coutinho de Lan-

castre. E aqui que está a guarda principal, commandada por um alferes ou tenente, porque era aqui que antigamente estava o quartel general, mesquinha barraca, que o desleixo e o cupim fizeram vir a terra, conservando-se apenas duas gaiolas, n'uma das quaes, condecorada com o pomposo nome de sala do docel, se reunia o conselho do governo e as juntas de fazenda e de agricultura; e na outra estava a secretaria e contadoria da mesma junta de fazenda, que fugiu d'aqui para evitar que archivos e empregados ficassem um dia sepultados entre as ruínas.

Parece-me estar ouvindo alguém dizer: e porque se não cuidou em accudir a essas ruínas, conservando o quartel general em estado de ser habitado, como ainda era em 1835? desde então até junho de 1838 deveras que não sei que houvesse nenhuma senão a falta de meios, pois que as receitas regulavam então por 32 contos (não incluindo a urzella que regulava por 100 contos de réis annuaes, que o thesouro em Lisboa chamava todos a si: foi só em fins de 1839 que elle applicou 24 contos de réis por anno para o cofre da provincia), e as despesas iam além de 63 contos, o que mostra que nada se podia applicar para despesas extraordinarias; mas depois de junho de 1838 não se fizeram de certo obras algumas, porque o decreto que mandou construir na ilha de S. Vicente a povoação do Mindello para ser a capital da provincia, determinava que nenhuma obra publica se fariam mais na villa da Praia. É assim que Cabo Verde ficou sem capital, e as repartições publicas sem edificios: n'uma parte era-se obrigado a ver caírem inteiramente por terra em ruínas os edificios publicos, e na outra não havia meios para os construir novos, como se ordenára.

Sobre o telhado da barraca do corpo da guarda está um menos que modesto campanario com uma sineta rachada, da qual pende um cabo, por meio do qual a sentinella repete as horas que o relógio de parede da estação aponta: este é o relógio da villa da Praia, capital da provincia de Cabo Verde! É isto e um progresso na estrada dos melhoramentos, porque em 1837 as horas annunciavam-se aos habitantes por meio de pedradas que a sentinella jogava á sineta, uma das quaes a rachou; e deve-se a isso o *actual melhoramento*.

Esta praça é cortada no seu comprimento, e ao meio das duas ruas já mencionadas (a do Quartel á esquerda, e a de Lancastre á direita), por uma outra que se chama do Meio, a qual corre parallelamente com ellas desde o largo da igreja até entrar no grande largo da Boa Vista, ao qual a gente da terra chama de *Demba* (se bem me lembra), e que mais propriamente se pode tomar por um espraiado suburbio da villa, com a qual reparte, quasi em porções iguaes, a planicie, ou achada, em que está assente.

Aqui vêem-se arrumadas á rocha da parte do oeste umas 30 ou 40 miseraveis cabanas, immundos alvergues de pretos pobres, onde morria de fome, em nome do partido miguelista, um pobre capitão que nada teve que ver com esse partido, pois nunca foi homem de partidos: aqui tambem pereceria á fome, em 1835, um antigo empregado da secretaria com mais de 40 annos de serviços, alguns d'elles na tropa, e que debalde por muitos annos pedira a sua reforma, se os seus collegas não fossem em seu soccorro, sustentando-o na sua enfermidade e á sua familia, e fazendo-lhe depois um enterro muito decente.

Tambem se vê aqui um casebre muito velho, a que chamam quartel de cavallaria, e que serviu de cadeia de 1844 até 1847; depois, não sei.

Quasi ao cimo d'esta rua está o já muito arruina-

do moinho de vento, que Chapuzet fez construir para preparar as farinhas para o pão das companhias provisórias, que de Lisboa o acompanharam em 1822; e que hoje está arrendado pela junta da fazenda a um homem, que negoceia em farinha de milho. É o unico que ha em toda a provincia.

A pequena distancia para o meio do largo encontram-se os mais que modestos principios do novo hospital da misericordia, risco do sr. Antonio de Fontes, com duas pequenas officinas d'elle, que já estão concluidas. Foi debalde que em maio de 1842 se lhe deu o nome de D. Fernando, por que a muito custo, e só por effeito d'umas poucas de subscrições dos empregados publicos e d'alguns mais ricos moradores da villa, se conseguiu dinheiro para pagar a cantaria que se havia encommendado para Lisboa, e que chegou de improvisò, e por bem bom preço; e para levantar a parede a pouco mais d'uma braça acima do chão. Consta-me agora que desprezando-se o risco primitivo, se começou de novo e está bastante adiantada esta obra, que em todas as partes é necessaria, mas ali tanto como nas em que mais for, por causa das levas de 20 e 30 degredados e ás vezes mais, que quasi todos os annos para lá se mandam, e de que mais de dous terços morrem miseravelmente sem soccorro nenhum, nem ao menos os espirituaes. Mas porque meios tem ella tido alguns progressos? pelo de novas subscrições, cuja fonte se ha de a final exhaurir: e comtudo isso muito receio que se não possa fazel-o com as condições e segundo as necessidades que o clima doentio do paiz altamente reclama, e a que o primitivo risco não podia attender.

Já que fallei no hospital da misericordia, não me parece fóra de proposito dar uma succinta idéa do que era, e do que é esta irmandade, que se pode dizer que está extincta.

Foi instituida pelo virtuoso bispo D. Fr. Francisco da Cruz, pelos annos de 1552 a 1556, que lhe construiu igreja e hospital, na cidade; e foi tal a afeição dos habitantes a este santo instituto, que desde logo lhe deram avultadas esmolos, e outros a instituiram herdeira de seus bens com diversos encargos, o que a levou a mui grande auge de riqueza. Em 1589 foi aggregada á archi-confraternidade de Roma por breve do papa Sixto V, que começa: *Singularis charitatis et misericordiae operae*; e por alvará de 19 de outubro de 1594 lhe concedeu el-rei todos os privilegios que estava gosando a santa casa da misericordia de Lisboa.

Toda a sua opulencia perdeu-se, e a sua grandeza decaiu com a perda da opulencia, e com a decadencia a que chegou a cidade. Os mordomos e irmãos ainda era na cidade que se reuniam; mas como todos eram moradores da villa da Praia, e lá é que residiam habitualmente, por uma parte deixava de haver o cuidado que os enfermos do hospital exigiam; e por outra parte deixavam se perder os negocios por haver menos constante attenção a elles. Os governadores D. Antonio Coutinho de Lancastre, e João da Matta Chapuzet, aquelle em 1807, e este em 1825, empregaram todos os seus disvellos em favorecer esta irmandade, mas o mais que o seu zélo conseguiu foi obstar por algum tempo á sua aniquilação, que parecia inevitavel.

Esse paradeiro a que nada parecia poder obstar depois que Chapuzet saiu da provincia, apressou-o ainda mais o acontecimento de 1834, a que depois sobrevieram os melancolicos e luctuosos successos de 1835. A prefeitura, por um rasgo de penna, mudou a irmandade e o hospital para a villa da Praia; mas por tal modo fez a mudança que uma grande par-

te do archivo desapareceu, e com elle titulos importantissimos, e muitas riquezas foram roubadas, e abandonados os ornamentos e alfaias, de que alguns mui raros, e assim mesmo os mais ordinarios se puderam salvar em 1843! O hospital foi estabelecido n'uma pequenina casa terrea da villa, que se alugou.

Isto, e as mortes procedidas das resultas da sedição militar, de que foram victimas algumas pessoas respeitaveis, que podiam pela sua posição salvar o estabelecimento das depredações que soffreu, fizeram descer o seu rendimento, que era superior a dous contos de réis, a 1:300\$ réis pouco mais ou menos; e esse mesmo servia mais para pasto de alguns esfaimados, que para os fins a que se devia applicar. O governador Fontes conseguiu em 1840 que alguns irmãos o elegessem provedor, e na posse d'este cargo procurou dar um novo impulso ao instituto; mas ou era já um cadaver, que podia galvanisar-se, mas não receber uma nova vida, ou se enganou sobre a efficacia dos meios que devia empregar para o fazer reviver. A reforma dos estatutos, a que procedeu em conselho do governo por auctoridade propria, e como se tratasse d'uma medida politica, ou de mera administração publica, quando era d'uma irmandade decadente, e cujos fins eram só a piedade e a beneficencia, deu o ultimo golpe na instituição. Desde então arrastou-se sem vida já, apesar do empenho do governador Bastos, que succedeu na provedoria da misericordia, como tinha succedido no governo da provincia; e por fim deixou até de mover-se.

O hospital, que se tinha mudado para uma casa asobradada, onde podia ter outo camas, estava a ponto de fechar-se; os rendimentos diminuiam a olhos vistos por causas differentes, e ninguem queria administrar os poucos que restavam. Debalde se procurou fazer reunir a irmandade, as semanas seguiam-se umas ás outras; a estação das aguas, a epocha mais critica do anno por causa das carneiradas, aproximava-se, e tudo indicava que havia de ser fatal. N'este estado das cousas, propuz ao governador a nomeação d'uma commissão que gerisse os fundos da irmandade, e que continuasse a administração do hospital até que se acordasse no que cumpria fazer.

Dias depois d'isto caí doente das febres, tive de retirar-me para Lisboa afim de convalescer; assim que cheguei, achei-me com um successor nomeado que ia partir em breves dias; e nunca mais soube do resultado. O que sei é que a irmandade continúa dissolvida, extincta de facto; e que a humanidade exige imperiosamente que se faça cessar este estado por algum meio proficuo e effcaz.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

ESBOCETOS DA VIDA MILITAR.

V.

Fenalidade.

PARTE III.

O progresso intellectual avalia-se na balança do progresso das sciencias, da industria, da litteratura e das bellas artes. Se pois no estado actual da sociedade vemos os interesses physicos e moraes, e as conveniencias publicas marchando esposadas para o bem geral; reconhecemos tambem a necessidade de fazer presidir á penalidade leis humanas e esclarecidas. As reformas que se meditam no civil, quan-

to ao regimen penitenciario applicado aos cidadãos, convem igualmente aos militares: as vantagens são grandes. Em lugar de condemnar os soldados por faltas de disciplina ao ocio, sepultando-os nos calabouços, façâmos com que elles se empreguem em trabalhos que lhes aproveitem moral e physicamente, e que tambem utilisem na parte material á sociedade, compensando as despezas com elles feitas durante o tempo do castigo. Reconhecemos, é verdade, que os motivos ou o fim da penalidade é intimidar, e fazer expiar a culpa, promovendo ao mesmo tempo a emenda e a correcção; porém o grande fim, o fim mais elevado, é a completa cura do doente, a regeneração moral do criminoso, obtida por meio da humanidade, da educação, da instrução e do trabalho. O regimen actual das prizões e dos trabalhos forçados para o soldado está sujeito aos inconvenientes e á reprovação que merece o das prizões civis. A economia penal entre nós está por tal forma atrasada e tão intoleravel, que longe de remediar o mal mais o agrava, dando lugar a pessimas consequencias; é n'essas abominaveis masmorras, ou antes covis infectos, em que geme o desgraçado, que o crime e a perversidade recrutam a seu salvo novos satellites, ainda mais licenciosos e destemidos; a verdade é que saem das prizões peiores e mais incorregiveis do que quando lá entraram. A prizão sómente deve ser olhada como uma pena, quando assim é considerada em consequencia de um julgamento; fora d'isso deve ser tida apenas como um meio de nos assegurarmos do individuo que se presume culpado; usâmos d'esta expressão, porque todo o homem contra o qual recaírem ainda as mais graves suspeitas, em quanto não se proferir sentença condemnatoria, deve ser olhado como innocente, e sempre tratado com caridade; em todo o caso as prizões devem ser habitações sadias e commodas, convertidas, para assim dizer, em verdadeiras officinas, em que o trabalho e a distracção moralisem os reclusos.

O regimen introduzido na prizão penitenciaria militar de S. Germano em França tem apresentado (segundo se diz) os melhores resultados; os principaes meios d'acção usados n'este estabelecimento são o trabalho em commum, mas silencioso, a detenção cellular durante a noute, e, como correcção mais severa, o uso das cellas sombrias. Os resultados obtidos têm dado um progresso real, comparados com os que apresentam as prizões ainda sujeitas ao antigo e barbaro regimen. Os soldados por esta forma se rehabilitam pelo trabalho, ao passo que nas prizões ordinarias só recebem as lições do vicio alimentado pela ociosidade.

Apesar d'essas vantagens, que se dizem obtidas na referida penitenciaria militar, comtudo nós não approvamos o systema cellular, nem o silencio, nem as cellas sombrias; para nós o effeito d'estes meios é ainda problematico. Nós queremos que a policia militar se ocupe dos condemnados com uma solicitude verdadeiramente paternal e esclarecida, que os trate antes como valetudinarios do que como reprobos. Comprimir o pensamento e prohibir o uso da palavra é desnaturar o espirito e o coração; não queirâmos vedar o emprego da palavra pelo silencio absoluto, nem o contacto ou a companhia com os seus semelhantes, por um isolamento total; pelo contrario devemos dar ao pensamento e á imaginação uma tendencia moral, e submeter a communicação dos condemnados a certas condições de urbanidade e decencia; a separação e o silencio systematico parecem-nos meios barbaros e absolutamente inadmissiveis. Não é ao isolamento e á prizão cellular, mas

ao trabalho em commum que devemos sujeitar os culpados; a isolação embrutece as qualidades mais nobres, e faz pelo contrario exaltar as paixões em prejuizo da razão. Na verdade a companhia é a condição essencial da natureza humana, que moralisa e affeição; não é o silencio pelo silencio que é necessario empregar; é mister prohibir a linguagem do mal, e a communicação dos pensamentos viciosos; são as provocações e as tendencias subversivas que devemos impedir e precaver.

A disciplina e os meios que forem applicados aos condemnados militares devem ser mais brandos e mais liberaes do que o regimen destinado aos condemnados civis, por quanto as faltas (fallando em geral) que podem levar um soldado a entrar na prisão, não têm o character de perversidade; essas faltas são devidas em grande parte (como já notamos) ao rigor menos estudado da disciplina, e aos excessos da obediencia passiva. A persistencia maior ou menor de um culpado nas prizações pouco importa á vindicta, e á segurança nacional; porém o objecto que summamente interessa á policia militar, são as boas disposições com que o soldado deve sair, para encetar de novo e mais moralizado o caminho dos seus deveres.

A moralidade dos actos deve ser o verdadeiro fim, e ao mesmo tempo o principio essencial da penalidade. Devemos igualmente julgar legitimos, e os melhores todos aquelles meios que forem mais efficazes para produzir este salutar effeito. Assim muito desejámos que se adoptem as penitenciarias militares; mas com as modificações que deixámos apontadas. Certamente em todas as cousas é prudente passar por melhoramentos successivos; é um dos grandes erros do nosso seculo querer chegar precipitadamente do mau ao perfeito.

Estão fora de toda a esphera da justiça distributiva, ou da imputação juridica os celebres artigos de guerra de 1763, que entre nós servem de codigo penal militar; estas barbaras disposições, que mais parecem escriptas pela penna de Draco, não podem por forma alguma harmonisar com os principios sãos de direito, e por isso ficámos dispensados de fazer a menor analyse ou ponderação a tal respeito. Só aguardámos com interesse os beneficios que deve trazer esse novo codigo penal militar, em que se trabalha por contarmos, que elle offerecerá as desejadas garantias, vindo ao mesmo tempo satisfazer todas as conveniencias do serviço militar.

No seguinte esboceto trataremos da relação em que está o exercito com os principios da producção ou da economia politica, attenta a ligação da moralidade que se dá entre o mesmo exercito e esta sciencia, na hypothese de podermos constituir o soldado, pelo trabalho e actividade artistica, um cidadão, além de morigerado, prestadio a si e á sociedade.

J. C. DA SILVA.

MONSTRUOSO PRELO MECHANICO.

O PRELO mechanico em que se imprime o *New-York Sun* foi construido em New-York por mmrs. Hoe & companhia. Occupa uma extensão de quatorze metros, pouco mais ou menos, custou 20:000\$000 réis, e tira 20:000 exemplares por hora! . . .

«A medida que se imprimem,» diz X. Eyma «as folhas seguem os roletes conductores que as levam até a extremidade da machina, collocando-as umas em cima das outras. A machina tem oito cylindros, que podem funcionar todos ao mesmo tempo, ou um só

quando assim convier. Para os pôr em movimento gasta-se obra de um minuto. No alto da machina está collocado um contador, que indica exactamente o numero de folhas que se vão imprimindo.

«A machina é construida em dous andares; sobe-se ao segundo por escadas collocadas nas duas extremidades.»

N'este admiravel prelo, verdadeiro prodigio da industria moderna, contam-se 6:200 parafusos, 1:200 rodas de todas as dimensões; 202 cylindros de pau; 400 carretes, e um numero incalculavel de pequenos machinismos auxiliares. A casa em que se assentou a machina do *New-York Sun* é uma immensa sala de 140 pés de comprimento sobre 20 pés de largura e outros tantos de altura.

O *New-York Sun* extrabe cincoenta mil exemplares; o seu formato é de 65 centimetros de comprimento sobre 45 de largura; cada pagina contém oito columnas de duzentas linhas e quarenta letras cada uma. Pelo que respeita á execução typographica nada deixa a desejar; por quanto, apesar dos typos americanos serem quasi microscopicos, a impressão é de uma nitidez verdadeiramente admiravel.

Finalmente, calculou-se que em uma hora, com o auxilio de dezeseis pessoas, este grandissimo prelo executa um trabalho que, pelos meios antigamente adoptados, careceria, para se fazer no mesmo espaço de tempo, do emprego de seis mil individuos!

A TYPOGRAPHIA FRANCEZA.

Nas typographias francezas imprimiram-se, nos dez annos que decorreram de 1842 a 1851, 81:994 obras, em todas as linguas mortas e vivas; a saber:

Obras em todas as linguas.	64:568
Estampas, gravuras, lithographias. . .	13:085
Obras de musica	3:336
Cartas e plantas	1:005
Total.	81:994

USO DO TABACO DE FUMO NOS CAMPOS.

«CONVERSEI muitas vezes com antigos lavradores sobre o uso que nos campos se faz do tabaco de fumo, e todos concordaram comigo em que tinham reconhecido maior inercia e apathia n'aquelles obreiros que se haviam costumado a fumar. Quando era mister trabalhar mais assiduamente, quando a atmospheria annunciava algum temporal, quando se carecia de força e de actividade no mais alto grau, é que podiamos justamente avaliar a funesta influencia do fumar. Este habito consome o tempo em pura perda, de verão e de inverno, no outono e na primavera. Releva acrescentar que é uma das causas mais frequentes de incendio, isto é, de desgraça para familias pobres e para aldeias inteiras.»

Esta opinião sobre o uso do tabaco de fumo é extrahida de um livro (*Trabalhos da vida do lavrador*) muito estimado em França.

— Quando a historia nos apresenta factos sobrenaturaes, só possiveis á omnipotencia divina, é necessario dissecal-os com o escalpello da crítica, para não confundir os verdadeiros milagres com os erros da credulidade, ou com os inventos da impostura.

M. CARVALHO — APHORISMOS.